Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.138

Divulgação

#cm 2

FIM DE SEMANA

TEM ZOEIRA NO MUSEU

Primeira grande exposição brasileira dedicada aos memes chega ao CCBB Rio com 800 obras de 200 criadores e artistas para sustentar a tese de que a linguagem da internet é forma artística plena. E, gostemos ou não, é por ela que o Brasil se narra, se disputa e se refaz em tempo real. Página 2

Divulgação



A exposição tem caráter imersivo e mergulha no universo criativo de artistas e influenciadores que fazem da internet um divã sobre a psiquê brasileira

A nação que fala **por memes**

Primeira grande mostra brasileira sobre o tema chega ao CCBB Rio com 800 obras de 200 criadores e artistas e sugere que a linguagem da internet é tão legítima quanto qualquer vanguarda artística













AFFONSO NUNES

O Brasil fala em memes como fala português: sem pensar, com sotaque e em volume altíssimo. O país figura entre os maiores produtores e consumidores do gênero no mundo, e agora é também o primeiro a dedicar ao fenômeno uma exposição de grande porte. "MEME: no Br@sil da memeficação", que estreia neste sábado (7), no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, reunindo cerca de 800 criações de 200 produtores de conteúdo e artistas para sustentar uma provocação: a linguagem da internet não é apenas ruído de rede social, mas forma artística plena.

A curadoria é de Clarissa Diniz e Ismael Monticelli, com colaboração do @newmemeseum, perfil que entre 2020 e 2025 chegou a quase meio milhão de seguidores até ser derrubado pela Meta. A dupla parte da memeficação — o processo pelo qual imagens, frases e gestos são apropriados, reproduzidos e transformados, ganhando sentidos novos a cada contexto — para mostrar que essa lógica não nasceu com a web. "Operações como a repetição, a paródia, a sátira e o deslocamento de significados fazem parte da história da cultura há muito tempo", explica Clarissa, que enxerga na mostra uma continuidade entre o Carnaval, os bordões de TV e a zoeira digital.

É nesse gesto que a exposição confere estatuto artístico à linguagem memética.

Ao lado de criadores como Greengo Dictionary, Melted Vídeos e Porta dos Fundos, convivem Anna Maria Maiolino, Nelson Leirner, Gretta Sarfaty, Claudio Tozzi, Regina Silveira e Augusto de Campos — nomes consagrados que, cada um a seu modo, já praticavam a apropriação e o deslocamento antes do primeiro meme circular.

"Memes não são só piadas. São ferramentas políticas, culturais e afetivas. São como o Brasil elabora, disputa e negocia suas diferenças — sociais, raciais, de gênero, estéticas — em tempo real", afirma Clarissa. "Eles não apenas refletem a realidade, mas atuam sobre ela: produzem memória, disputam narrativas, elaboram ficções, geram pertencimento. Enquanto fazemos memes, os memes refazem o Brasil", reforça Ismael.

O percurso, em cinco núcleos, vai do jogo de palavras — com línguas digitais como o tiopês e o pajubá e a eterna Ruth Lemos do "sanduíche-íche" — à política da polarização, passando pelo amadorismo como força criativa e pela vida privada transformada em espetáculo. Há onças-pintadas táteis inspiradas na nota de R$ 50, neons, esculturas, instalações audiovisuais e um debochado "Museu do Homem da Internet". "A exposição parte do humor para provocar uma pergunta: como estamos refazendo o país por meio das suas imagens mais debochadas?", resume a curadora.

SERVIÇO

MEME: NO BR@SIL DA MEMEFICAÇÃO

CCBB Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66, Centro).

De 7/11 a 1/2/2027, quarta a segunda (9h às 20h)

Grátis, com retirada de ingressos na bilheteria ou pelo site www.ingressosccbb.com.br

Dois artistas, uma noite e uma saudade **chamada fado**

Camané e Sara Correia levam o encanto que ecoa das ruas da Alfama e da Mouraria ao Vivo Rio

AFFONSO NUNES

Arlindo Camacho/Divulgação



Maria Rita/Divulgação



Camané e Sara Correia representam a nova geração de fadistas

Essencialmente lisboeta, o fado nasceu nos bairros da Alfama e da Mouraria, tem uma guitarra que não existe em nenhum outro lugar. E mesmo assim é mundialmente reconhecido. Mesmo quem nuca pisou na capital portuguesa é capaz de sentir essa saudade sem endereço. O Vivo Rio recebe nesta sexta-feira (6), às 21h, dois dos maiores nomes vivos do fado. Camané e Sara Correia dividem o palco da casa, com dois shows distintos, na 16ª edição do Festival Fado.

Alfama, Mouraria, Bairro Alto e Madragoa são os quintais onde essa tradição musical urbana aprendeu a andar, cantada por quem nesses bairros vivia e trabalhava. A casa abre duas horas anres da apresentação musical leando ao público a exposição "Os Bairros de Lisboa", com curadoria do Museu do Fado, recuperando imagens e personagens dessas regiões populares que se tornaram fundamentais para a memória fadista.

Sara Correia abre a noite às 21h. Desde o primeiro homônimo, de 2018, a cantora obteve prêmios e projeção no panorama musical, confirmada pela indicação de "Do Coração" (2021) ao Grammy Latino. Em fevereiro, lançou "Tempestade", álbum de 11 canções escritas por mulheres, antecipado por um show esgotado na MEO Arena, em Lisboa — o maior espetáculo de sua carreira até aqui. A fadista conta que o fado virou o bálsamo diário dos seus ouvidos; hoje é ela a referência das gerações mais novas.

Camané dispensa apresentações — mas as merece. O primeiro contato com a música veio ainda em criança, fuçando a coleção de discos dos pais. Aos 13, venceu a Grande Noite do Fado de Lisboa, primeiro degrau de uma carreira que, desde os anos 90, soma discos de forma consistente — de "Uma Noite de Fados" (1995), que inaugurou a parceria com José Mário Branco, a "Horas Vazias" (2021), seu mais recente de inéditas. No meio do caminho, o projeto "Aqui está-se sossegado" com o pianista Mário Laginha, do qual nasceu um álbum indicado ao Grammy Latino. É com temas singulares da carreira e o novo trabalho que ele assume o palco às 22h numa noite de sentimentos à flor da pele.

SERVIÇO

FESTIVAL FADO 2026

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, parquye do Flamengo)

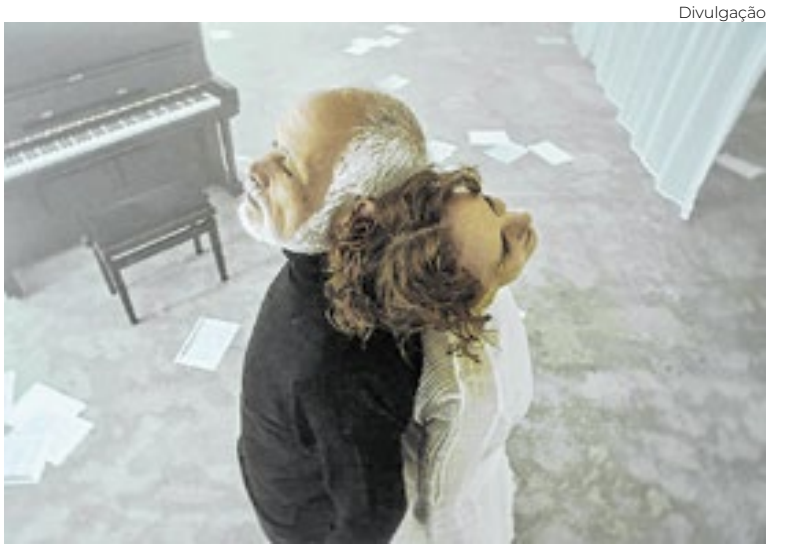
6/11, com shows de Sara Correia (21h) e Camané (22h)

Ingressos a partir de R$ 120 e R$ 60 (meia)

Sonhos em **piano e voz**

Cristóvão Bastos e Ilana Volcov lançam o álbum 'Acariciando', trabalho que bebe na fonte do realismo mágico

Divulgação



Iana Volcov e Cristóvão Bastos exploram tessituras melódicas não convencionais a partir do repertório selecionado

Uma valsa cantada sem palavras. Uma odalisca que rendeu à cantora um prêmio de melhor intérprete. Um disco gravado em Portugal e lançado pela Biscoito Fino que agora, enfim, encontra o público brasileiro em palco. Nesta sexta-feira (6), às 20h, a Acaso Cultural, em Botafogo, recebe o concerto de lançamento de "Acariciando", o álbum em duo do pianista e arranjador Cristóvão Bastos com a cantora Ilana Volcov em trabalho envolto em sonho, mistério e delicadeza.

O espetáculo propõe um balé íntimo e despido entre voz e piano, mergulhado em uma sonoridade fantástica que dialoga com a literatura do realismo mágico. Longe do realismo que domina a música popular, o concerto elege o absurdo, a suspensão do tempo e o afeto como fios condutores.

Sob a moldura precisa do piano de Bastos — autor de arranjos históricos da MPB e a emissão lírica e cristalina de Ilana, as canções ganham contornos de crônicas poéticas e imagéticas.

Na linha do onírico e do absurdo literário, aparecem "Uma Canção Inédita" (Edu Lobo e Chico Buarque), valsa fundada no discurso ilusório, e o lirismo dramático de "Odalisca" e "Ária de Opereta", ambas pinçadas da parceria Guinga e Aldir Blanc. A interpretação de Ilana para "Odalisca" lhe valeu o prêmio de Melhor Intérprete no Festival de Música da Rádio Nacional. A conexão atlântica entre modinha e choro atravessa a faixa-título, de Abel Ferreira e Lourival Faissal, além de "Saudade Intrusa" (Vadico), "Estrada Branca" (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) e "Viola de Cigano" (Breno Ruiz e Paulo César Pinheiro). O ápice instrumental vem com "Não Me Digas Não", choro de Bastos e Paulinho da Viola vocalizado sem palavras, que abre espaço ao improviso do piano orquestrador. Fecha o roteiro a força poética de "Coração Imprudente" (Paulinho da Viola e Capinan). Além do repertório do álbum, o duo inclui clássicos fundamentais da nossa canção, e a noite ganha brilho extra com a participação especial de Áurea Martins, uma das vozes mais expressivas de nossa canção popular.

O encontro coroa uma parceria de duas décadas, amadurecida em palcos de peso: o Festival de Choro de Paris, um concerto diplomático para líderes globais na Hannover Messe 2026, passagens pela Casa da Música, no Porto, e pelo B.O.T.A., em Lisboa, e o Brésil de la Musique, na Borgonha (França).

A agenda integra o projeto "Cristóvão Bastos – 80 Anos" — o músico completa oitenta anos em dezembro. **(A.N.)**

SERVIÇO

ACARICIANDO - ILANA VOLCOV E CRISTÓVÃO BASTOS

Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)

6/11, às 20h

Ingressos entr R$ 55 e R$ 200

Quinze anos **de canções**

Cantor e compositor estreia no Circo Voador o show 'Silva Canta/ Canta Silva', que revisita sucessos como 'Fica Tudo Bem' e 'A Cor é Rosa' em formato intimista

AFFONSO NUNES

O Circo Voador recebe, nesta sexta-feira (6) a estreia carioca de "Silva Canta/Canta Silva", show em que o cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista capixaba celebra 15 anos de carreira revisitando o próprio repertório. Ela canta e toca violão, piano, sintetizador e violino, acompanhado por Gabriel Ruy (bateria e programações), Hugo Maciel (baixo) e Rômulo Quinelato (guitarra).

A trajetória do artista começou na internet, com um EP lançado em 2011, e cresceu até os treze álbuns no catálogo — sete deles autorais, de "Claridão" (2012) a "Rolidei" (2026), passando por "Vista Pro Mar" (2014), "Júpiter" (2015), "Brasileiro" (2018), "Cinco" (2020) e "Encantado" (2024) —, além de turnês nacionais e internacionais, indicações ao Grammy Latino pelas releituras e o fenômeno do Bloco do Silva.

Seu maior mérito musical é o de tornar simples aquilo que parece ser complexo. As parcerias que acumulou confirmam seu alcance como "Totalmente Seu", escrita com Marisa Monte e Lucas Silva, e "Palavras no Corpo", feita com Omar Salomão e gravada por Gal Costa.

O marco dos quinze anos foi o gatilho do projeto. "Essa coisa de comemoração é engraçada, né? Porque a gente vai fazendo tanta coisa. Você lança um disco, aí, daqui a pouquinho, você tem uma ideia nova... nunca tirei férias", brinca o cantor, cujo nome de batismo é Lúcio Silva de Souza. "Aí quando você fala: 'Pô, vai fazer 15 anos desde que nasceu meu EP', eu tinha que fazer algo especial."

Nos ensaios, a revisita trouxe surpresas. "Muita coisa que eu não toco desde 2014. Tem coisa que eu nunca mais toquei. E, nessa revisita, eu toquei violino de novo. Fazia muito tempo — meu violino tava pegando teia de aranha", conta. O formato intimista, escolhido depois de anos de palcos grandes, tem razão própria: "No show intimista, você consegue ter a resposta do público quase que instantânea. Você tá tocando aqui e sabe exatamente se o público gostou ou não. Tem uma troca de verdade."

O repertório é essencialmente autoral e percorre canções que aproximaram sua música de diferentes gerações: "Feliz e Ponto", "A Cor é Rosa", "Fica Tudo Bem", "Girassóis", "Brisa", "Júpiter" e "Um Pôr do Sol na Praia", entre outras. A escolha exigiu cortes. "Eu ainda tenho vários arrependimentos, inclusive. Também não dá para ficar mudando toda hora, porque todo mundo se prepara, estuda e faz aquilo ficar bonito", reconhece.

A banda, para ele, é parte do resultado. "Eu sou canceriano. Então tenho um carinho, um apego com meus músicos. Essa troca é muito importante para o trabalho não ficar frio", diz.

Jorge Bispo/Divulgação



Silva conta que resgatou canções que há muito não tocava

A temporada já passou por São Paulo e Salvador e segue para Vila Velha depois do Rio. "Quando eu olho para trás e vejo o que eu consegui conquistar com o que eu tinha, é quase um milagre", confessa o cantor, que começou com um sintetizador emprestado e dez mil reais da tia e hoje tem estúdio próprio.

SERVIÇO
SILVA
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/ nº, Lapa)
6/11, às 22h
Ingressos a partir de R$ 180 e R$ 90 (meia)

Mu Chebabi **embarca na vibe circense**

Cantor e compositor recebe convidados especiais em noite regada a música, humor e poesia no palco do Manouche

Mu Chebabi, na música, é do circo: trapezista da prosódia, domador do imprevisto, palhaço da cacofonia. Neste sábado (7), às 20h30, o projeto Tudo é Som! apresenta no Manouche o show "Olha o Circo Chegando", uma noite em que música, humor e poesia celebram a trajetória de um compositor que transforma histórias do cotidiano em canções.

Suas canções são pequenas crônicas musicais, povoadas por personagens que amam, sonham, observam o mundo e, vez por outra, tropeçam nele. Entre sambas, gafieiras e outras aventuras sonoras, Mu brinca com as palavras, desafia as convenções e mistura romance, crítica social, poesia e humor. Nos anos 1990, ficou conhecido pelas músicas criadas para o Casseta & Planeta, trabalho que o levou à produção musical do programa na TV Globo, função que exerceu por 18 anos.

Divulgação



Mu Chebabi

O picadeiro, porém, sempre foi maior. Parceiro de Lenine em "Hoje Eu Quero Sair Só" e de Arlindo Cruz em "Citações" e "Samba da Globalização", tem canções gravadas por Sandra de Sá, Flávio Venturini, Pedro Luís e A Parede, Simoninha e outros. São seis álbuns lançados. No repertório do show, "Que Mulher é Essa?", "A Morena" — tema da minissérie "Gabriela", da TV Globo —, "Pianista do Cinema Mudo", "Seu Zé", "Rebimboca da Parafuseta" e "Bastava". Parceiros e convidados entram em cena para interpretar as canções, cada participação um novo número, uma nova leitura. **(A.N.)**

SERVIÇO
Mu Chebabi
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
7/11, às 20h30. Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível)

Rita Benneditto mostra sua macumba elétrica na Lapa

Ariel Cavotti/Divulgação



Rita Benneditto

Desde sua estreia, no longínquo ano de 2003, o show "Tecnomacumba" transcendeu o palco: virou manifesto de brasilidade, desmistificou as religiões de matriz africana e abriu caminhos sonoros ao combinar cânticos tradicionais, pontos de terreiro e clássicos da MPB com batidas eletrônicas.

Neste sábado (7), o Circo Voador recebe a celebração de mais de duas décadas do projeto comandado pela cantora maranhense Rita Benneditto.

"Este show é uma homenagem à nossa ancestralidade e uma forma de exaltar a beleza e a potência dos cultos afro-brasileiros", define a artista, que começou a carreira em São Luís aos 15 anos, foi indicada ao Grammy na categoria melhor álbum de pop rock pelo disco "Pérolas aos Povos" e acumula nove álbuns.

Nm país onde essas religiões ainda enfrentam intolerância, o projeto se firmou como plataforma de respeito e memória — e se expandiu para videoclipes, exposições, bloco de carnaval e livro de fotografias. "O mais importante é manter-se vivo, criativo, atento e forte", afirma.

No palco, Rita é acompanhada pela banda Cavaleiros de Aruanda: Fred Ferreira (direção musical e guitarra), Humphry Scott (contrabaixo), Ronaldo Silva (bateria e programação eletrônica) e Júnior Crispim (percussão). O repertório traz "Domingo 23", "Cavaleiro de Aruanda", "É D'Oxum", "Mamãe Oxum" e "7Marias", cujo videoclipe já soma mais de cinco milhões de visualizações. Um novo registro ao vivo do projeto está previsto para 2027. **(A.N.)**

SERVIÇO
Rita Benneditto — Tecnomacumba
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº Lapa)
7/11, às 22h.
Ingressos a partir de R$ 140 e R$ (meia)

Três na **Bossa**

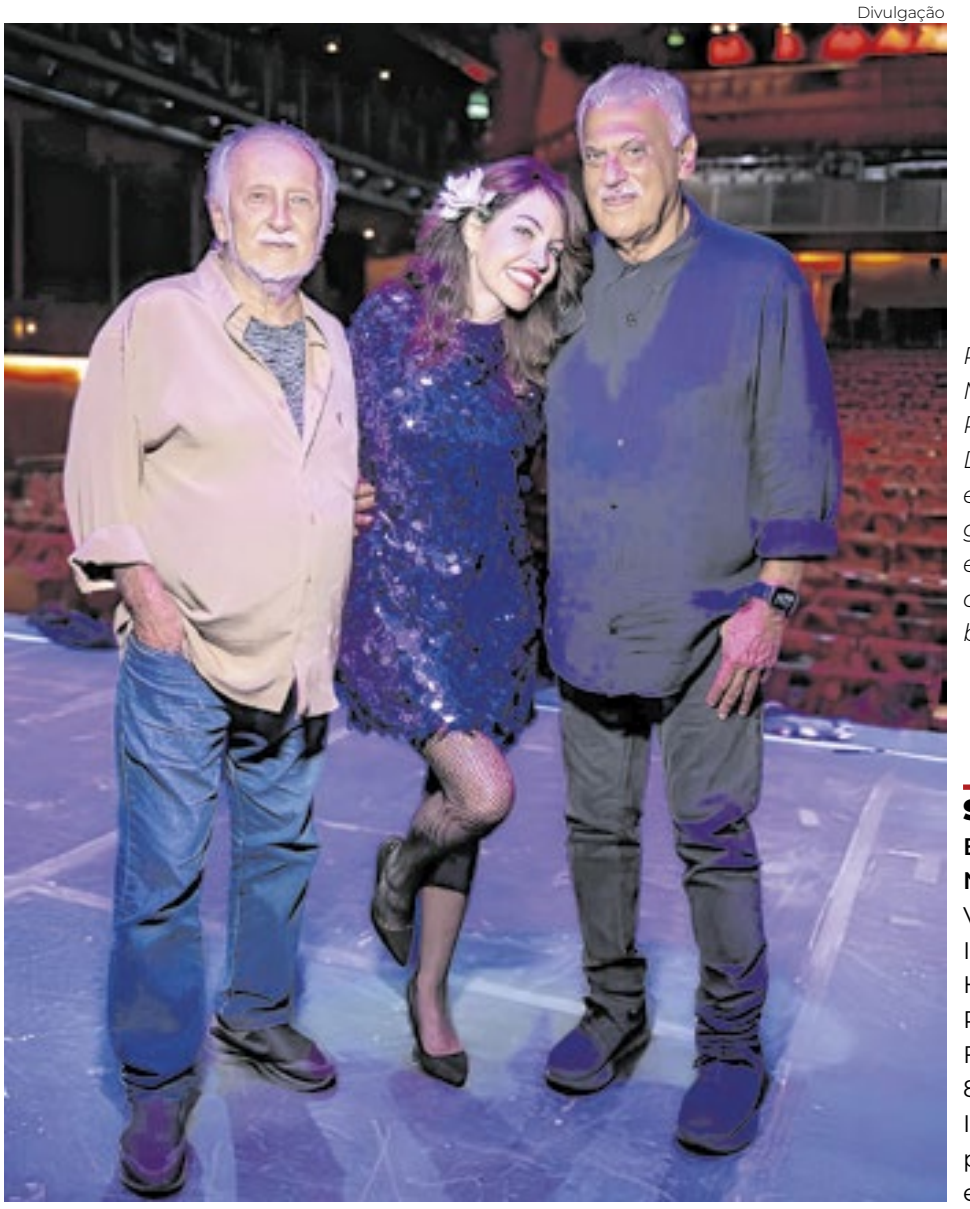
Roberto Menescal, Danilo Caymmi e a cantora Patty Ascher levam ao Vivo Rio repertório clássico do movimento

AFFONSO NUNES

Aos 89 anos, Roberto Menescal continua em turnê. Um dos fundadores da bossa nova — e último sobrevivente do elenco do histórico show de 1962 no Carnegie Hall, em Nova York, que apresentou o gênero ao mundo —, o compositor de "O Barquinho" sobe ao palco do Vivo Rio neste domingo (8), às 19h30, ao lado do cantor e flautista Danilo Caymmi e da cantora Patty Ascher. O espetáculo "Bossa Sempre Nova" percorre as melodias que ajudaram a construir a identidade sonora brasileira mais reconhecida no mundo.

O encontro reúne três trajetórias complementares. Menescal, capixaba de Vitória criado no Rio, foi ao lado de Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli um dos arquitetos do movimento que projetou a música brasileira para o mundo — autor de mais de 400 canções, entre elas "Você", "Nós e o Mar" e "Telefone", e detentor do Prêmio à Excelência Musical da Academia do Grammy Latino. Danilo Caymmi, nascido em 1948, é o filho mais novo de Dorival Caymmi e herdeiro de uma das tradições musicais mais importantes do país, com carreira que mistura a herança paterna, a bossa nova e o jazz. Patty Ascher completa o trio com uma trajetória internacional e uma interpretação sofisticada que dialoga com o jazz e a canção contemporânea.

Divulgação



Roberto Menescal, Patty Ascher e Danilo Caymmi: encontro de gerações em torno da atemporalidade bossanovista

SERVIÇO
BOSSA SEMPRE NOVA
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
8/11, às 19h30
Ingressos a partir de R$ 160 e R$ 80 (meia)

O repertório anunciado é uma sequência interminável de clássicos: "O Barquinho", "Chega de Saudade", "Desafinado", "Água de Beber", "Vagamente", "Andanças", "Casaco Marrom" e "The Look of Love", em arranjos elegantes que preservam a essência do gênero enquanto renovam sua sonoridade.

No palco, os três são acompanhados por uma banda de músicos reconhecidos da cena brasileira: Marco Pontes "Caixote" no piano e na direção musical, Nahame Casseb na bateria, Glecio Nascimento no baixo e Flávio Mendes no violão.

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Dafé celebra aniversário no palco do Rival

Divulgação



Carlos Dafé chega aos 79 anos nesta sexta-feira (6) e o Teatro Rival Petrobras recebe,ás 19h30, o cantor e compositor para revisitar canções que fizeram dele uma referência do soul brasileiro — como "A cruz", "De alegria raiou o dia" e "Acorda que eu quero ver" — ao lado da Malandro Dengoso, banda de dez músicos, com metais, percussão e vocais. Ingressos a partir de R$ 50.

Pedro Miranda é do samba, do choro e do forró

Pepe Schettino/Divulgação



Pedro Miranda costuma fazer a voz encontrar o pandeiro, mas seu repertório não cabe num único terreiro. Cantor, percussionista, ator e compositor, ele leva à Acaso Cultural, neste sábado (7), ás 20h, um show que passa pelo samba, choro e forró, entre composições próprias, canções de sua trajetória e obras de Chico Buarque, Caetano Veloso, Paulinho da Viola e Pixinguinha. Ingressos de R$ 55 a R$ 120.

Emmano, do reggae às raízes afrobrasileiras

Divulgação



Depois de uma temporada por Portugal e Espanha, Emmano retorna ao Rio com "Minha fé me guia", show do seu novo álbum. Criado na Zona Norte, o cantor passou pelo reggae antes de aproximar tambores, ritmos brasileiros e referências de umbanda em suas canções. Neste sábado (7), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, ele apresenta inéditas do disco e rearranja pontos clássicos da umbanda. A partir de R$ 50.

Uma gira de amor com o Jazz das Minas

Divulgação



As nove mulheres do Jazz das Minas chegam ao Manouche nesta sexta (6), às 21h, com "Gira de Amor", repertório que trata o jazz como ponto de encontro entre axé, samba, canções autorais e vozes da música preta, de Nina Simone a Elza Soares e Ivone Lara. À frente do piano, da voz e da direção musical está Ifátòkí Maíra Freitas, que fundou o grupo em Luanda, em 2019. R$ 120 e R$ 60 (meia ou solidário, com 1 kg de alimento não-perecível).

CRÍTICA TEATRO | MORRA, AMOR

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Montagem esmerada

Ao lutar contra seus demônios, a protagonista de "Morra, Amor", romance da argentina Ariana Harwicz, estabelece um embate consiga mesma. Adaptado para o teatro pela própria autora, abastece uma arquitetura dramatúrgica impactante.

O esfacelamento dos ideais românticos perante uma crise existencial, na qual chafurda a escritora que vai morar numa casa de campo no sul da França, contra a sua vontade. Uma esposa que rompe com paradigmas domésticos através de um discurso aquecido, sustentado por um fluxo de consciência, transvazando angústias, desespero, dores, infelicidade, encarando de frente seus impulsos intrusivos e involuntários. Uma mulher abarcada por sua ambiguidade: ora pretende pertencer àquele ambiente familiar, ora deseja ardentemente fugir de tudo aquilo, em constante situação-limite. A narrativa expõe a mente da personagem, cujos pensamentos vociferados lhe suprimem a paz interior.

É primorosa a condução de Victor Garcia Peralta, haja vista que dirigir monólogos dificulta a criatividade dos encenadores, já que apenas um ator pode reduzir as possibilidades de desenhos cênicos, mas aqui absolutamente tudo é criativo. Há uma estética visual tocante, na qual Peralta nos envolve todo o tempo, além de todas as filigranas que arquiteta poética e profundamente. Marcas se coadunam com uma fundamentação dramatológica que reverbera teatralmente. Numa tradição hegeliana, a colisão dramática se dá no confronto inevitável em situação de oposição, não é só divergências, é o atrito entre as ideias que produzem consequência. A cena por debaixo do véu é um deslumbramento. Ademais, orienta sua atriz com sensibilidade e sutileza, extraindo e potencializando seu talento.

A competência de Mariana Santos é comprovada na montagem. A atriz instaura um conflito interno que pulveriza diferentes desejos, criando sustentação para legitimar a dramaticidade. Uma corporeidade, amparada por ótimas mãos de Vanessa Garcia, faz com que a intérprete fuja da obviedade. Comediante nata, valoriza seu texto de forma contida, fabricando subtextos repletos de humor, inteligência e sagacidade. Institui velocidade, sem perder nenhuma intenção. A cena que visita os amigos é hilária, sem abrir mão do patético para o qual a narrativa e a direção a conduzem.

Nigga toca contrabaixo e contribui para a experiência sensorial. O cenário de Aurora dos Campos é a beleza que auxilia a direção. Pernas translúcidas desvelam o bosque, que se desvanece assim que a personagem abdica do que lhe oprime, além do véu que sufoca a alma. Karen Brusttolin enroupa a atriz numa camisola salmão esvoaçante que favorece o movimento e simboliza a domesticidade. Ruas laterais e ribaltas enaltecem o clima onírico da montagem, um pino pontua a masturbação e a rebuscada iluminação de Maneco Quinderé propõe uma luz quase toda branca, como se a vida estivesse esmaecida, amalgamando um azul para remeter à memória. Tudo dialoga para que saiamos do teatro nutridos e reflexivos!

Nana Moraes/Divulgação



A competência de Mariana Santos é comprovada na montagem. A atriz instaura um conflito interno que pulveriza diferentes desejos

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Divulgação



O negócio da morte

A comédia musical "É o Fim! Ltda" segue em cartaz no Teatro Firjan Sesi Centro até o dia 10. Na trama, três amigos criam uma empresa especializada em velórios personalizados e apresentam o negócio à plateia, convidada a testar o serviço. O espetáculo reflete sobre memória, ancestralidade e a finitude da vida com humor e canções originais, resgatando o gurufim, tradição de herdada dos africanos escravizados. O texto é de Alexandre Dantas com direção de André Paes Leme. R$ 40 e R$ 20 (meia).

Divulgação



Naufragando em risadas

O musical "Titanique", comédia premiada inspirada no filme "Titanic (1997)" é embalado pelo sucessos de Céline Dion. No palco, Alessandra Maestrini interpreta a própria cantora, que narra a tragédia do navio em tom paródico, ao lado de Marcos Veras (Jack), Giulia Nadruz (Rose), Luis Lobianco (Ruth), George Sauma (Cal), Wendell Bendelack (Victor Garber) e Talita Real (Molly Brown). O repertório reúne hits como "My Heart Will Go On". Em cartaz no Teatro Claro Mais RJ até sábado (7). A partir de R$ 25.

Divulgação



O reencontro das irmãs

Com texto de Bruno Cavalcanti e direção de Noemi Marinho, o espetáculo "O Exercício das Crianças" acompanha o reencontro de duas irmãs após quinze anos separadas, por ocasião da morte do pai. Em palco vazio e vestindo apenas preto, as atrizes misturam ficção e realidade e levam o público a questionar onde termina a personagem e começa a intérprete. Em cartaz até domngo (8) no Teatro 2 do Sesc Tijuca. Ingressos a R$ 30, R$ 21 (sócio Sesc) e R$ 15 (meia), com entrada gratuita para pessoas com deficiência.

vem viver +diversão

Alegria boa é aquela que se compartilha. Aqui é assim e, por isso, oferecemos programações de recreação e lazer para todas as idades durante o ano inteiro. No Sesc RJ, tem arraiá, parque aquático, colônia de férias e diversos eventos para você curtir, conviver e aproveitar. Diversão aqui é levada a sério. **Vem viver o Sesc RJ.**



Baixe o app **+Sesc RJ** e saiba mais.

Sesc | 80 ANOS

A maior marca de bem-estar social do RJ.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOWS

AUGUSTO MATTOSO TRIO

✱Dois anos após a partida do pianista Osmar Milito, Augusto Mattoso (contrabaixo), Cliff Korman (piano) e Xande Figueiredo (bateria) dedicam espetáculo dedicado à memória e à obra de um dos nomes marcantes da música brasileira. Dom (8), às 18h30. Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo). Entre R$ 55 e R$ 200

CHORA CATARINA

✱Formado por instrumentistas conectados pelo apreço ao chorinho, grupo contrapõe com maestria a presença da trompa e os instrumentos característicos de uma roda de choro. Sex (6), às 10h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca). Contribuição sugerida entre R$ 10 e R$ 30

EDUARDO CANTO

✱Para celebrar o Mês da Consciência Negra, o cantor leva ao palco histórias e canções de artistas negros de todos os tempos. No roteiro Jamelão, Ataulfo Alves, Emilio Santiago, Dona Ivone Lara, Wilson Simonal e outros. Sáb (7), às 17h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca). R$ 30 e R$ 15 (meia)

ITO MELODIA

✱O intérprete da Grande Rio comanda mais uma edição da tradicional roda de samba com feijoada do Rival. Dom (8), a partir das 13h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). R$ 70

DOUGLAS BASTOS

✱Cantor, instrumentista, compositor, arranjador e artista plástico apresenta seu trabalho autoral no show "Caminho das Emoções". Participações de Josiel Konrad e Aline Cruz. Sex (6), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R$ 30 e R$ 15 (meia)

DANÇA

EQUINA

✱Espetáculo idealizado por Aline Bernardi e Dani Lima investiga alianças entre humanos e não-humanos. De 7 a 29/11, sáb (19h) e dom (18h). Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, s/nº, ao lado do nº 292, Humaitá). R$ 60 e R$ 30 (meia)

Carol Pires/Divulgação



Equina

Divulgação



Meno Male

Divulgação



Augusto Mattoso Trio

TEATRO

PIAF - EU NÃO ME ARREPENDO

✱Laila Garin agiganta-se no palco com sua interpretação da maior cantora francesa. Até 29/11, qui e sex (20h), sáb (15h30 e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R$ 50 e R$ 300.

VÍBORAS - A ARTE DO INSULTO

✱Comédia sobre uma longa amizade e um casamento em ruínas. Até 6/12, sex e sáb (19h) e dom (17h30). Teatro Vanucci (Rua Marquês de São Vicente, 52). R$ 140 e R$ 70 (meia)

BOCA DE OURO

✱Tuca Andrada brilha no papel do bicheiro mítico de Nelson Rodrigues, nova montagem de 'Boca de Ouro', com direção de Sergio Módena. Até 22/11, qui e sex (20h) e sáb e dom (18h). Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R$ 40, R$ 36 (conveniados), R$ 31 (conveniados empresariais), R$ 28 (sócio Sesc), R$ 20 (meia) e grátis (PCG)

O QUE MEU PEITO CARREGA SOBRE MIM

✱Solo com texto e atuação de Luiz Mariani percorre os significados históricos e culturais atribuídos ao peito feminino, da iconografia religiosa e das amas de leite no Brasil colonial à explosão dos implantes de silicone. Até 20/12, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R$ 100 e R$ 50 (meia)

MENO MALE

✱Sucesso nos anos 1980, a comédia de Juca de Oliveira ganha nov amontagem tendo o veterano Nuno Leal Maia a frente do elenco. Até 29/11, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R$ 173,37 (inteira) e R$ 73,68 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Claudia Ribeiro/Divulgação



Boca de Ouro

Divulgação



O que meu peito carrega sobre mim

Divulgação



Eduardo Canto

Divulgação



Eduardo Canto

Divulgação



Bluey

DESCALÇOS NO PARQUE

✱Larissa Manoela e André Luiz Frambach vivem jovem casal no clássico de Neil Simon. Até 28/11, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h). Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52). A partir de R$ 50 e R$ 25 (meia)

FRANKENSTEIN

✱Espetáculo reinventa a obra de Mary Shelley com uma inversão: o ser gerado por Victor Frankenstein é uma mulher que não se adapta aos seus desejos. Até 15/11, qua a sáb e seg (19h) e dom (18h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R$ 30 e R$ 15 (meia)

A METAMORFOSE

✱O clássico de do tcheco Franz Kafka, ganha adaptação do Anêmona Teatro que leva ao palco reflexões sobre a utilidade (ou não) de quem nada oferece à sociedade. Até 15/11, qui a sáb (19h30) e dom (19h), exceto 31/10 (18h30), 1/11 (19h30). Espaço Armazém Cia. de Teatro (Fundição Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa). R$ 60 e R$ 30 (meia)

EXPOSIÇÃO

LEO GANDELMAN 50 x 70 - O OLHAR ALÉM DA MÚSICA

✱Mostra inédita com imagens em preto e branco produzidas pelo premiado instrumentista carioca em sua época de fotógrafo profissional nos anos 1970 quando trabalhava para as publicações da extinta Bloch Editores e a música era somente um hobby para o jovem artista. Até 30/11, seg a sex (10h às 18h). Firjan Sesi Centro (Rua Graça Aranha, 1). Grátis

INFANTIL

BLUEY AO VIVO - DIVERSÃO EM FAMÍLIA

✱Uma casa se transforma em território de jogo quando Bluey, Bingo e os pais da família Heeler começam a inventar regras para cada cômodo. É desse deslocamento doméstico que parte A adaptação teatral da série animada. Até 22/11, sessão única em em 7/11 (18h) e sáb e dom (11h e 15h). Teatro Multiplan VillageMall (Av. das Américas, 3900). Entre R$ 25 a R$ 240

CADÊ O SOBREVENTO?

✱Num castelo grafitado, a barosena Colherzinha de Mel tenta reter Rosita até a chegada de uma mensagem capaz de mexer com todos. Até 13/12,sáb e dom (16h) no Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). R$ 20 e R$ 10 (meia)

CONFISSÕES DE ADOLESCENTE

✱Sucesso nos anos 1990, o texto de Maria Mariana ganha sequência em musical com Flora Gil e filhas das atrizes da montagem original. Até 29/11, sex (20h) e sáb e dom (19h). Eco Villa Ri Happy (R. Jardim Botânico, 1008). R$ 140 e R$ 70 (meia)

FRANKINH@ — UMA HISTÓRIA EM PEDACINHOS

✱Nesta daptação do clássico de Mary Shelley para o universo infantil, o jovem Victor cria alguém para lhe fazer companhia. A criatura, porém, não sai exatamente como ele queria. Até 15/11, sáb (15h) e dom (11h e 16h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R$ 30 e R$ 15 (meia)

Divulgação



Gessica Généus em Marie 'Madeleine, Uma Mulher Livre'



A Grande Estreia

Entre areias e telas do Marrocos

Suntuoso e aberto à reflexão, o festival de Marrakech convoca Marion Cotillard para chefiar seu júri e faz a primeira chamada de vozes autorais para sua grade, incluindo Fellipe Barbosa

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Famoso por ter os júris mais estelares de todas as competições cinematográficas, o Festival de Marrakech, no Marrocos, abrirá uma vez mais suas telas para cineastas de verve autoral de 20 a 28 de novembro, a partir de uma comédia pilotada pelo ator Jesse Eisenberg que periga ganhar uma série de Oscars: "A Grande Estreia" ("The Debut"). O riso pontua a abertura da 23ª edição daquela maratona cinéfila anual.

Dela constam 76 títulos de 39 países. Um dos destaques da seleção é a presença do brasileiro Fellipe Barbosa, que apresenta "Leila e a Noite" ("Leila et la nuit"), produção inspirada na vida da fotógrafa marroquina Leila Alaoui. O longa, protagonizado por Roschdy Zem e Marina Foïs, terá estreia mundial em mostra de gala.

Envolvida nas comemorações dos 20 anos de "Piaf - Um Hino Ao Amor", que lhe rendeu um Oscar, em 2008, Marion Cotillard estará na presidência do time de juradas e jurados. A programação está repleta de potenciais sucessos de público e cults, alimentando parte de uma tradição histórica daquele recanto da África árabe, que sempre atiçou o imaginário de grandes estúdios planeta adentro.

O Marrocos cede seu território para sets de filmagem desde 1897, quando emissários dos Irmãos Lumière estiveram por lá. Até o fim da II Guerra muitos filmes estrangeiros foram rodados nos limites de suas fronteiras, especialmente na região de Ouarzazate, embora o título historicamente mais famoso a abordar sua geografia, "Casablanca" (1942), com Humphrey Bogart, seja uma produção captada em estúdios hollywoodianos. Muito do que se fazia lá, com o rótulo de "filme marroquino", era uma xerox do cinemão melodramático do Egito, sem identidade própria. Tudo mudou em 1970, quando o diretor Hamid Benani, hoje com 85 anos, filmou "Wechma" (também chamado de "Traces"), que inaugurou uma estética sintonizada com a cultura daquela pátria. Começou ali uma primavera cinematográfica que fez florescer cults de repercussão internacional como "Les Mille Et Une Mains" (1973), "El Chergui" (1976), o mítico documentário "Trances" (1981), "Amok" (1983), "Badis" (1988), "La Plage Des Enfants Perdus" (1991), "Quand Le Soleil Fait Tomber Les Moineaux" (1999) e "Marock", ímã de aplausos para a diretora Laïla Marrakchi, em Cannes, em 2005. As gerações que brotaram na década de 1970 deram frutos e inspiraram vozes autorais como Maryam Touzani, badalada por "O Caftan Azul", de 2022, e "Calle Málaga", com a espanhola Carmen Maura.

Inaugurado há 24 anos numa iniciativa do Rei Mohammed VI para fomentar intercâmbios culturais, a festa marroquina do cinema se articula com festivais do Cairo, de El Gouna e do Mar Vermelho a fim de mobilizar olhares (e mercados produtores e exibidores) do norte da África e do Oriente Médio. Em 2018, Robert De Niro foi homenageado lá e ganhou uma festa com direito a cupcakes decorados com o seu rosto esculpido no glacê. No ano seguinte, o mesmo se passou com Robert Redford. Em 2025, os mimos foram para Jodie Foster, com direito a uma palestra de Kleber Mendonça Filho na abertura do festival e presença de Karim Aïnouz como jurado.

Nesta 23ª edição, os tributos ainda serão anunciados. Além do filme de Fellipe Barbosa, as seções paralelas de Marrakech recebem John Turturro para badalar "O Último Batedor de Carteiras de Nova York" ("The Only Living Pickpocket in New York"), de Noah Segan, enquanto James Gray, que já presidiu júri lá, retorna ao festival com "Paper Tiger", thriller com elementos de drama familiar. Luca Guadagnino participa com "Artificial", sobre a ascensão de Sam Altman, fundador da OpenAI, interpretado por Andrew Garfield. Também está na seleção "Morangos" ("Strawberries"), de Laïla Marrakchi, escolhido pelo Marrocos para representar o país na corrida ao Oscar.

A mostra Horizontes reúne 21 produções e aposta na diversidade do cinema contemporâneo, com trabalhos de realizadores consagrados como Ryusuke Hamaguchi, Cristian Mungiu, Pawel Pawlikowski, Hirokazu Kore-eda e Nanni Moretti. O programa também abre espaço para produções árabes e africanas, incluindo "Cidadão Osama" ("Citizen Osama"), documentário de Ahmed Hassouna sobre Gaza, "Dao", de Alain Gomis, e "Clarissa", dos irmãos Arie Esiri e Chuko Esiri.

OS 14 FILMES DA COMPETIÇÃO OFICIAL

"ALKEBULAN" — Yassine Marco Marroccu — Marrocos, Hungria e Catar.

"BEN'IMANA" — Marie-Clémentine Dusabejambo — Ruanda, Gabão, França e Noruega.

"SOMBRAS DO CAIRO" ("CAIRO SHADOWS") — Rani Massalha e Salem Massalha — França, Bélgica, Tunísia e Egito.

"CRÔNICAS DOS ANOS DE CERCO" ("CHRONICLES FROM THE SIEGE") — Abdallah Al-Khatib — Argélia, França e Palestina.

"GAROTO DO CONGO" ("CONGO BOY") — Rafiki Fariala — República Centro-Africana, França, República Democrática do Congo e Itália.

"UM DIA NA VIDA DE JO: CAPÍTULO PHAEDRA" ("A DAY IN THE LIFE OF JO: CHAPTER PHAEDRA") — Jacqueline Lentzou — Grécia, Alemanha e França.

"EKLIPSE" — Manuel Wetscher — Áustria e Itália.

"FÚRIAS" ("FURIES") — Rami Kodeih — Líbano e Brasil.

"A CASA DO VENTO" ("HOUSE OF THE WIND") — Auguste Bernard Kouemo Yanghu — Camarões, França, Bélgica, Benim, Arábia Saudita e Catar.

"MARIE MADELEINE" — Gessica Généus — França, Haiti, Bélgica, Luxemburgo e Canadá.

"NOSSA PORÇÃO DE AREIA" ("OUR SHARE OF SAND") — Shalini Adnani — Reino Unido, Índia e Grécia.

"GAROTAS TRISTES" ("SAD GIRLZ") — Fernanda Tovar — México, Espanha e França.

"ONDAS DE SILÊNCIO" ("WAVES OF SILENCE") — Farzad Samsami — Noruega, Marrocos e Suécia.

"O MUNDO DE ANTES" ("THE WORLD BEFORE") — Yoon Dan-bi — Coreia do Sul, Japão e França.

Zé Celso vence demandas **e ilumina telas**

Noilton Nunes trabalha no resgate de 'O Rei da Vela', filme que fez com o diretor teatral de São Paulo a partir da montagem lendária de Oswald de Andrade, feita há seis décadas

Divulgação



Cena de 'O Rei da Vela', longa de Noilton (ao lado) inspirado na montagem de Zé Celso para o texto de Oswald de Andrade encenado em 1967 (abaixo)

Reprodução Facebook



Acervo pessoal



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Envolvido na criação de um projeto de ficção avesso os códigos comerciais que apelida de Made in USA, numa crítica ao colonialismo, Noilton Nunes anda às voltas com recordações (e criações) que fazem interseção entre sua obra polifônica e a cosmogonia teatral de José Celso Martinez Corrêa (1937–2023), o eterno Zé Celso. Entre 1979 e 1982, os dois conceberam "O Rei da Vela", uma experiência cinematográfica de vanguarda que transpõe para o audiovisual a irreverência antropofágica de Oswald de Andrade (1890–1954), escritor, poeta e um dos mais controversos expoentes do Modernismo brasileiro.

O encenador paulista e o documentarista carioca combinaram teatro, cinema e vídeo numa colagem estética e política que desafia as convenções da linguagem e confronta as estruturas de poder da sociedade. O experimento que fizeram, coroado com um Kikito de Melhor Montagem, em Gramado, voltará ainda a ser exibido no Brasil em uma homenagem a Zé Celso, que completaria 90 anos. A primeira sessão está programada para 8 de janeiro de 2027, nas salas do Estação Botafogo, no Rio de Janeiro.

"Na última vez em que encontrei o Zé Celso, conversamos sobre exibir o filme no Teatro Oficina para que os letreiros do filme pudessem ser vistos dentro dos locais onde foram pintados e, posteriormente, demolidos, sem deixar vestígios. Também a projeção não poderia ser como as tradicionais. Projetor num lado e tela no fundo. Deveria ter vários telões espalhados pelo moderno espaço do Oficina", conta Noilton.

"Pro Zé Celso, o tempo de duração do filme, de 240 minutos, não era problema, pois ia passar como passam as peças do Oficina, com três ou quatro horas de duração. O desejo dele, este sonho dele, não teve tempo para ser realizado. Agora vai... E vai ser uma experiência audiovisual sem precedentes. Em 2027, faremos várias homenagens pelos 90 anos do José Celso com exibições de 'O Rei da Vela' em várias cidades do Brasil. Estamos trabalhando com jovens que estão muito animados com a possibilidade de fazer o filme renascer das cinzas".

Interpelado sobre esse resgate pelo Correio, Noiton mandou um trecho de um texto, para ser lido em inglês, durante apresentações no exterior, como uma passagem pela galeria Tate: "A oitava arte chegou para ficar. O que é? É a junção de todas as artes com as forças de todas as modernas tecnologias de comunicação. O que acontece aqui e agora pode ser visto instantaneamente em todo o mundo. Oswald de Andrade é o Shakespeare brasileiro. Escritor e dramaturgo, foi um dos fundadores do Movimento Antropófago. Foi uma das personalidades mais polêmicas do Modernismo", descreve Noilton.

Ao lado de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, do escritor Mário de Andrade e de outros intelectuais, Oswald organizou a Semana de Arte Moderna de 1922. Em 1924, lançou o Manifesto Pau-Brasil. Explicando o nome do manifesto, o autor diz: '"Pensei em fazer uma poesia de exportação. Como o pau-brasil foi a primeira riqueza brasileira exportada, proponho, assim, que o Brasil devore a cultura estrangeira e crie uma cultura revolucionária própria".

Oswald percebeu que o Brasil e toda a sua multiplicidade cultural, desde as variadas culturas autóctones dos índios até a cultura negra, representavam uma vantagem e que, com elas, se poderia construir nossa identidade, renovando as letras e as artes. "A poesia tem que ser revolucionária. A poesia existe nos fatos", dizia o autor.

O manifesto oswaldiano propõe a descolonização do Brasil pelas vias de um levante popular. Inspirado explicitamente em Marx, Freud, André Breton, Montaigne e Rousseau, ataca a herança portuguesa e o padre Antônio Vieira. "Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade."

A antropofagia, segundo Oswald, é guerreiro se alimentando de outro guerreiro forte, para assimilar o que ele tem de melhor. E como a literatura brasileira vivia em crise de identidade, Oswald resolve a questão: "Devemos ser antropofágicos com a cultura europeia. Devemos comê-la e digerir tudo aquilo que ela tem de bom, devolvendo tudo na forma de uma produção superior, com muito senso de humor e crítica".

Memórias de encenação

Morto em 6 de julho de 2023, aos 86 anos, em decorrência de complicações provocadas por queimaduras sofridas num incêndio em seu apartamento, Zé Celso dirigiu em 1967 a histórica montagem de "O Rei da Vela", peça escrita por Oswald em 1933 e publicada em livro em 1937, considerada um marco do teatro antropofágico e uma das manifestações artísticas precursoras do Tropicalismo. A ideia de Noilton é despertar memórias da encenação. Com ela, despertam-se brios de guerra.

Existe uma ideia de Brasil que atravessa o cinema de Noilton: a de um país resiliente, capaz de sobreviver às suas próprias contradições, reinventar-se diante das adversidades e encontrar na cultura uma ferramenta de resistência. Cineasta que ganhou projeção na década de 1970 com trabalhos de espírito libertário, como "Leucemia – O Filme da Anistia", Noilton construiu uma filmografia atravessada pela inquietação política, pela experimentação e por uma disposição quase artesanal de investigar a história brasileira. Essa vocação permanece em obras como "Sigilo Eterno" (2018) e no monumental "A Paz é Dourada", ao qual dedicou quase duas décadas de trabalho, estabelecendo um diálogo cinematográfico com os sertões e o pensamento de Euclides da Cunha (1866-1909).

Nascido em Campos dos Goytacazes, no interior fluminense, Noilton é daqueles realizadores cuja dimensão artística não cabe inteiramente nos registros de uma enciclopédia. O "Dicionário de Cineastas Brasileiros" (1990), importante referência da literatura cinematográfica nacional, define-o como "documentarista e técnico (fotógrafo e montador) especializado em filmes didáticos e científicos". A descrição contempla uma parte importante de sua trajetória, inclusive sua contribuição como pesquisador e professor, mas não alcança a poesia que existe em seu olhar sobre o mundo.

CRÍTICA FILME | **OS FAROFEIROS 3**

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Farofa com gosto da ‘Sessão da Tarde’ dos anos 1980 e 90

Depois do nado de braçada de Mônica Martelli e Ingrid Guimarães em “Minha Melhor Amiga” - e seus 6 milhões de pagantes -, voltou a se abrir o oceano das possibilidades de sucesso para a comédia nacional, antes represado pelas barreiras das patrulhas ideológicas politicamente castradoras.

Não foi só aqui, aliás. A vitória de “Todo Mundo Em Pânico”, ao derrotar o modo woke de He-Man no vergonhoso “Mestres do Universo” de Travis Knight, provou que o riso livre e feroz pode ser a maior diversão. Junte a ele o êxito espantoso de “O Diabo Veste Prada 2”, ao faturar US$ 693 milhões.

O sinal alarmante do momento é: uma filmografia plural como a nossa não pode subsistir com um só blockbuster ao ano, pois isso viria a distorcer o pouco equilíbrio de mercado que temos. Assim, o desafio agora é encontrar outro arrasa-quarteirão e, nesse sentido, o diretor Roberto Santucci é uma grife.

Seu nome aparece nove vezes na lista de longas-metragens nacionais com mais de um milhão de espectadores, feita pela Ancine e pelo portal Filme B. Duas dessas inclusões são fruto da cinessérie “Os Farofeiros”, gestada por ele à luz da sagacidade irônica de Paulo Cursino, roteirista pole position do país quando o papo é dar lucro.

O primeiro, de 2018, vendeu 2.604.733 entradas; e o segundo, de 2024, levou 1.880.324 cinéfilos a multiplex. A parte 3 – a mais hilária da saga – acaba de chegar. Veio para desopilar os ânimos de um país polarizado, contando com uma direção de arte estonteante, que eleva o prestígio de Fabiana Egrejas.

O humor de “Os Farofeiros” não é pra quem quer... é pra quem pode... rir, livremente, apesar da foice dos patrulhamentos diversos que hoje assombram a gargalhada. Esse terceiro – e mais afetuoso longa da trilogia, sentimental até o limite de não embotar a tiração de sarro – explora melhor o conceito de aliança entre seus personagens. Conceito que parece refletir a conexão de seus criadores, por trás das câmeras (na direção de fotografia marota de Marcelo Brasil).

Unidos durante a feitura do êxito comercial “De Pernas Pro Ar”, em 2010, Santucci e Cursino fundaram universos franquiados (sobretudo o ótimo “Até Que A Sorte Nos Separe”, que hoje tem um quarto título no forno), consagraram nas telonas estrelas já famosas na TV (o colosso Leandro Hassum, sobretudo) e emplacaram via streaming o filme de Boas Festas mais bem acolhido (e mais encantador) de nosso audiovisual: “Tudo Bem No Natal Que Vem” (2020). Fizeram tudo isso sempre peitando interditos morais, numa estrutura classificada com uma expressão por vezes indigesta na indústria: a “neochanchada”.

Desirée do Valle/Divulgação



As famílias de ‘Os Farofeiros’, com o impagável Rocha (Charles Paraventi) à frente, rumam para o Caribe

O termo, cunhado em 2012, refere-se a longas-metragens de humor que retratam as subjetividades das classes que “emergiram” no Brasil (ou seja, ampliaram seu poder de consumo) nos últimos 24 anos, desde a primeira eleição de Lula, invertendo o cogito cartesiano de “Penso, logo, existo” para “Consumo, logo, sou... logo, posso”).

A dinâmica consumista, numa bolha de crédito, num engatilhar contínuo do Pix, empoderou quem antes era só um número de CPF. Classes que passaram a ter nome e sobrenome (não do Cerasa, mas no expediente de compra de grandes lojas), pagando sua autonomia individual a crédito, em dezes vezes sem juros, passaram a exigir uma dramaturgia que as singularizasse.

Era preciso um de ficção que desse conta dos perrengues das contas a pagar e dos rearranjos que emergir socialmente assegurava. Cursino e Santucci sacaram essa demanda e satisfizeram com traços de humanismo, dignos do melhor da screwball comedy dos EUA, trocando o cinismo das crônicas de costume por risadas em formato varejão, com heróis do lúmpen... e farofa.

Seu Exército de Brancaleone agora vai para o Caribe, tendo a figura de Rocha como eixo de movimentação, e não só pelo fato de seu intérprete, Charles Paraventi, estar incorporado com os antigos espíritos de Aristófanes, fazendo a gente rachar o bico a cada aparição. Desta vez, Rocha decide bancar o casamento da filha, na ilha caribenha fictícia de San Martinez. Vanete (o cartum humano Elisa Pinheiro, sempre inventiva), sua companheira, parece feliz, mas tem lá suas apreensões. Todo pimpão, o pai casamenteiro convida seus fiéis parceiros de trabalho Alexandre (Antônio Fragoso, num timming impecável), Lima (o pinball vivo Maurício Manfrini, de gogó certeiro) e Diguinho (Nilton Bicudo, o Jerry Lewis do rolê). Chama ainda as consortes respectivas de cada um, Renata (Danielle Winits), Jussara (Cacau Protásio) e Ellen (Aline Campos, a Goldie Hawn do Brasil, mais afiada a cada filme). Vai geral para a celebração, e o melhor: com tudo pago. O cenário é idílico. A previsão do tempo é de sol a granel. Há promessas de praia azul-turquesa, drinks com guarda-chuva, resort de luxo e uma linda cerimônia à beira-mar. Contudo, dado o histórico das férias anteriores do grupo, é recomendada cautela. O voo já é o engasgo que precede o esporro. A montagem de Vicente Kubrusly encontra o frenesi certo.

Por “certo”, leia-se uma mistura singular da brasilidade “chanchadística” (à moda Oscarito, Zé Trindade e Grande Otelo) com a “Sessão da tarde” dos anos 1980 e 90, em que a gente via Dan Aycroyd, John Candy e Steve Martin repensarem o sentido da vida... pela dinâmica da amizade. Santucci e Cursino encontraram uma ponte única entre a comicidade (bem) dublada pela BKS, a Herbert Richers e a Telecine com um espírito carnavalesco que constitui essa nação.

Por vezes, o uso de certos termos e representações hoje “cancelados” pode irritar alguns, em parte por Cursino e Santucci operarem nas raias da provocação. Estão bem escudados num elenco em plena covalência, que, unido, ressalta o quanto Danielle Winits virou um reator nuclear de piadas a cada gesto, num amadurecimento – entre o teatro e a telona – que faz dela a Dercy Gonçalves da hora, sem palavrões, na graciosidade de sua graça iluminada.

PRIMAVERA DOS LIVROS RJ

Em sua 25ª edição, a feira das editoras independentes ocupa o MAR neste fim de semana com homenagem aos 90 anos de Silviano Santiago

Divulgação



O pilotis do Museu de Arte do Rio, na revitalizada Praça Mauá, recebe a Primavera de Livros pela segunda vez

A primavera das pequenas editoras

AFFONSO NUNES

O Museu de Arte do Rio (MAR) recebe neste fim de semana, pelo segundo ano consecutivo, a Primavera dos Livros. Organizada pela Liga Brasileira de Editores (Libre), associação que reúne cerca de 200 casas editoriais de pequeno e médio porte, a feira chega à sua 25ª edição com mais de 60 editoras distribuídas em 50 estandes, além de debates, lançamentos, sessões de autógrafos, oficinas e contação de histórias. O tema que orienta a edição é "Micropolíticas para um futuro possível", e o slogan, "Bibliodiversidade em rede".

"As conversas e atividades desta edição partem da convicção de que pequenas ações, assumidas no cotidiano de quem faz e de quem lê, têm força para transformar um campo inteiro", define Lizandra Mangano, presidente da Libre. "Receber bem as novas gerações amplia o público do livro e renova o próprio mercado, e a programação reúne vozes dispostas a imaginar esse caminho", destaca a curadora e produtora do evento, Camila Perlingeiro.

A sexta-feira (6) é o Dia do Editor, dedicado às transformações do setor: o efeito das redes sociais sobre o hábito de leitura, o crescimento dos audiolivros, a circulação internacional da literatura brasileira e o papel dos clubes de leitura. Há ainda uma mesa sobre inteligência artificial, em que Tatiana Roque, da UFRJ, pergunta quem é remunerado quando uma máquina aprende com um livro.

O primeiro dia reserva também a homenagem mais aguardada: Silviano Santiago completa 90 anos com dois livros novos nas livrarias, e nenhum deles estava nos planos. Um ensaio biográfico sobre o autor, publicado pela Autêntica, começou como biografia — mas o biografado não permitiu. Já nas primeiras páginas, é Silviano quem interroga o jornalista João Pombo Barile sobre o propósito das entrevistas, e o livro vai sendo escrito nessa disputa. Foi durante essa pesquisa que Barile encontrou, numa caixa de papelão na biblioteca do escritor, o projeto gráfico de "XXXV – Silviano Santiago", livro de poemas escrito aos 35 anos, em 1971, e dado como perdido por mais de meio século. O projeto era de Hélio Oiticica, amigo de Silviano nos anos de Nova York: o artista recortou fotografias do poeta e compôs fragmentos do rosto com os vazios das páginas. A obra, com versos em português, francês e inglês, acaba de sair pela Pinakotheke. Os dois conversam no MAR às 17h30 de sexta, com mediação de Camila Perlingeiro.

Léo Ramos Chaves/Divulgação



com 90 anos recém-completados, Silviano Santiago é o grande homenageado da feira deste ano

Divulgação



Vanessa Yetu

Divulgação



Bráulio Tavares

Marcelo Hallit/Divulgação



Renato Noguera

No sábado, a feira recebe uma estreia transatlântica. A escritora cabo-verdiana Vanessa Yetu chega aos leitores brasileiros com "Velório de moscas sobre a carne" (Pallas, 144 páginas, R$ 52), primeiro livro dela publicado no país e obra que inaugura a Coleção Múcua, dedicada à literatura contemporânea africana com curadoria do angolano Ondjaki. "O olhar de Vanessa Yetu funciona como uma lente de precisão que habita paisagens humanas complexas e valoriza o silêncio de cada gesto", escreve Ondjaki na apresentação. Nascida na Ilha de Santiago em 1974, formada em Economia em Portugal e radicada em Angola desde 2004, a autora escolheu o sobrenome literário Yetu — "nosso", em línguas bantas — para lembrar que a escrita não é atividade solitária. Ela participa da mesa sobre leitura, tempo e território às 13h30, ao lado de Bianca Ramoneda e Felipe Charbel.

No fim de semana, a programação mergulha em temas sociais e culturais. No domingo, a roda "Onde moram os encantados" reúne Luiz Rufino, Rogério Athayde, Rai Soares, Ana Gibson e Juliana Franklin em torno das encantarias e dos saberes afro-brasileiros e indígenas na literatura.

Às 15h, o filósofo Renato Noguera, a editora Lizandra Magon e a escritora Renata Seldin discutem "A mulher hétero no mapa da fome" — os relacionamentos hoje, o que os aplicativos trouxeram de bom e de ruim para as aproximações, e o que a chamada crise da masculinidade e o empoderamento das mulheres têm a ver com isso. Noguera chega à feira com o livro "Por que amamos? O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor" recém-escolhido pelo público para o Clube de Leitura CCBB, encontro que ele protagoniza no dia 11, no Centro Cultural Banco do Brasil. "O amor faz parte da nossa vida, mas isso não significa que saibamos amar: esse aprendizado exige escuta, reflexão e disponibilidade para mudar", afirma o autor, doutor em Filosofia e professor da UFRRJ.

A mesa "O Rio para além do cartão-postal", com Janaína Nascimento, Thais Velloso e Rafael Freitas da Silva, propõe uma geografia literária da cidade que começa nos subúrbios. Bráulio Tavares, Rodrigo Santos e Sandra Menezes discutem fantástico, horror e afrofuturismo. Martin Carnoy, da Universidade de Stanford, e Michael França, do Insper, debatem por que mais anos de escola não garantem as mesmas chances a todos. E Chico Alencar, Dani Balbi e Tainá de Paula fecham o domingo perguntando quais futuros para o Brasil.

A edição também ativa a economia criativa circular. Pela campanha "A Primavera floresce nas bibliotecas", na plataforma Benfeitoria, a Libre busca arrecadar R$ 50 mil para renovar acervos de 37 bibliotecas comunitárias do estado: 75% do montante vai para as bibliotecas, e os bibliotecários de quatro redes estaduais farão as compras durante a feira, com vouchers de R$ 1 mil.

SERVIÇO

primavera dos livros 2026

6 a 8/11, sexta a domingo (10h às 19h)

Museu de Arte do Rio - MAR (Praça Mauá, 5, Centro) Grátis

ENTREVISTA | **ELISA TOLOMELLI**

PRODUTORA

‘Não precisamos procurar fora aquilo que já construímos aqui’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Cerca de um ano e meio atrás, o Correio da Manhã abriu página para Elisa Tolomelli, uma das produtoras mais prolíficas do país falar sobre literatura, comentando sua experiência na escrita, com “E Lá Fui Eu” (editora Literate Books). Ela virou prosadora com esse livro de memórias – uma joia! - que serve de cartilha para quem quer aprender a filmar. Num piscar de olhos, em meio a novos projetos para as telas, como o esperado “Só Não Posso Dizer o Nome”, do artesão autoral mineiro Helvécio Ratton, o bichinho da prosa mordeu de novo, e ela publicou uma nova delícia de ler: “Cinema na Prática – O Método Elisa Tolomelli de Produção Executiva”. É um apanhado teórico, mas voltado para quem quer por a mão na massa.

Dos anos 1990 para cá, Elisa produziu de um tudo, de thrillers (“Berenice Procura”) a comédias (“Tire 5 Cartas”), numa trajetória profissional que tem “Central do Brasil” (Urso de Ouro da Berlinale de 1998) e “Cidade de Deus” (blockbuster indicado a quatro Oscars) em seu currículo. Antes trabalhou no inesquecível “A Menina do Lado” (1987), de Alberto Salvá, e rodou um longa-metragem, “Manobra Radical” (1991), joinha que arrastou galeras noventistas ao circuito, num tempo de seca da filmografia nacional.

O tantão de histórias que contou pelas telas e que viveu nos sets, sobretudo depois que fundou a produtora EH! Filmes, rende uma leitura daquelas que nos grudam nas páginas. O papo a seguir é sobre as descobertas que ela fez entre sujeitos e predicados, entre ditongos e tritongos, pondo “Ação!” e “Corta!” no papel.

Marcelo Magnani/Divulgação



“O cinema brasileiro tem uma trajetória de enorme potência criativa e uma capacidade de realização que não fica atrás das grandes cinematografias internacionais”

Neste segundo livro, de que maneira a intimidade maior com a palavra te permite enxergar melhor (e traduzir melhor) seu olhar sobre como se faz cinema?

Elisa Tolomelli - No meu primeiro livro, “E lá fui eu!”, exercitei uma forma de escrever muito próxima da maneira como eu falo. Foi algo natural, porque nunca tinha escrito um livro e escrevi do jeito que sabia. A resposta dos leitores foi muito positiva, tanto que o livro se tornou um best-seller. Muita gente comentou sobre a fluidez do texto, a facilidade da leitura, sobre começar a ler e não querer parar. Quando comecei a escrever “Cinema na Prática”, que é um livro mais teórico, quis preservar essa mesma linguagem. O desafio era encontrar uma forma simples e acessível de transmitir um conhecimento complexo: o raciocínio estratégico que a produção executiva exige. Acredito que essa linguagem aproxima o leitor do meu olhar sobre o cinema. Ao compartilhar a maneira como penso, planejo e tomo decisões para realizar um filme, procuro oferecer ferramentas para que cada pessoa desenvolva seu próprio olhar e seu próprio raciocínio de produção. Mais do que ensinar como eu faço cinema, quero ajudar o leitor a descobrir como ele pode fazer o seu.

O que mais dificulta - hoje, em tempos de IA - o ofício da produção executiva?

Eu não acredito que seja a inteligência artificial que determine as maiores dificuldades da produção executiva. O que mais dificulta o exercício da profissão é a falta de compreensão que produzir cinema exige, fundamentalmente, planejamento e gestão. Quando olho para trás, lembro de “Central do Brasil”, meu primeiro filme como produtora executiva, rodado em película de 35 mm. E penso em “Só Não Posso Dizer o Nome”, dirigido pelo Helvécio Ratton, meu trabalho mais recente, filmado em 4K e que chega aos cinemas neste mês de novembro. A tecnologia transformou profundamente a maneira como fazemos filmes. Saímos da película 35 mm para o digital, desenvolvemos câmeras e equipamentos cada vez mais sofisticados e agora temos a inteligência artificial ampliando nossas possibilidades de criação e produção. Essa evolução nos deu condições técnicas de realizar filmes no Brasil que não ficam atrás de nenhuma cinematografia do mundo. Mas existe algo que não mudou e não vai mudar nunca: todo filme, independentemente de seu tamanho, orçamento ou tecnologia empregada, precisa de planejamento e gestão. É isso que procuro transmitir em “Cinema na Prática”. As ferramentas evoluem, mas o/a produtor/a executivo/a precisa saber pensar a produção, estudar cada projeto, antecipar dificuldades, tomar decisões e gerir os recursos disponíveis.

Que casos marcantes talharam teu olhar e construíram o método de que você fala no livro?

Não acredito que tenha sido um caso específico, ou mesmo alguns casos, que construíram meu olhar e o método que apresento no livro. Foi o conjunto das experiências que vivi, produzindo filmes de diferentes portes, gêneros e propostas artísticas, somado a algo que considero fundamental para qualquer produtor executivo: a curiosidade e o estudo permanente sobre o fazer cinema. Agora, por exemplo, estou me preparando para produzir “A Fita”, um filme de terror, gênero em que nunca trabalhei e que estou empolgadíssima para explorar. Isso significa mergulhar em um novo universo, compreender sua linguagem e descobrir os desafios específicos que essa produção vai apresentar. Quanto maior o nosso repertório, maior a nossa capacidade de encontrar caminhos para realizá-lo.

Que filme estrangeiro recente mais te impressionou acerca da produção e o que dele poderia ser aplicado na construção de uma identidade brasileira de fazer longas-metragens?

“Uma Batalha Após a Outra”, do Paul Thomas Anderson. É um filme incrível pela construção narrativa e pela maneira como os diferentes elementos da produção se articulam, especialmente a trilha sonora, que considero espetacular. A música tem um papel fundamental na construção da tensão e do senso de urgência que atravessam o filme. Ela acompanha e pontua os momentos vividos pelos personagens, intensificando as emoções e conduzindo o espectador pela narrativa. Mas acredito que nós já temos uma identidade cinematográfica própria, plural e riquíssima, que se manifesta na diversidade de histórias, linguagens e formas de realização dos nossos filmes. O cinema brasileiro tem uma trajetória de enorme potência criativa e uma capacidade de realização que não fica atrás das grandes cinematografias internacionais. Podemos dialogar com o cinema do mundo inteiro, mas não precisamos procurar fora aquilo que já construímos aqui.

Que filme, de toda a sua obra, mais deu trabalho e, hoje, mais dá prazer?

muitos filmes me deram muito trabalho e muitos continuam me proporcionando um enorme prazer e orgulho, mas existem dois filmes que têm um lugar muito especial na minha história: “Central do Brasil” e “Cidade de Deus”. “Central do Brasil” é o meu filme do coração. Foi minha primeira experiência como produtora executiva em um longa-metragem. Filmamos no interior do Nordeste, em cidades muito pequenas e com pouca estrutura. Já “Cidade de Deus” foi uma produção de enorme complexidade, que exigiu muito de toda a equipe. A pré-produção levou quase um ano e me ensinou a importância de uma gestão eficiente, tanto de pessoas quanto de recursos. O que mais me impressiona nesses dois filmes é a longevidade. São obras que atravessaram gerações, continuam sendo vistas, discutidas e admiradas.

CRÍTICA LIVROS

O ANO EM QUE FALAMOS COM O MAR

POR **OLGA DE MELLO** - ESPECAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Ilhas literárias

Divulgação



"Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo", afirmava o inglês John Donne em 1624, observando que o isolamento impede a sobrevivência e a evolução das pessoas. Já as ilhas, aquelas formações de terra cercadas de água por todos os lados, têm sido, desde a Antiguidade, a escolha preferencial na literatura para apresentar narrativas ficcionais diversas por autores que criam lugares com regras próprias, sem contato com a civilização conhecida.

Os relatos mais antigos sobre ilhas vêm tanto da Grécia – uma nação composta, basicamente, por diferentes arquipélagos – e dos países árabes.

Não contente em dispor de 7 mil ilhas espalhadas pelos mares Egeu e Jônico, Homero inventou algumas ao contar as viagens de Ulisses, na "Odisseia", entre elas as dos Ciclopes, a da feiticeira Circe, a da ninfa Calipso e a das Sereias. Já as "Mil e uma noites" destacam curiosas formações que dispensam terra ou rochas, mas que se sobressaem no mar. A ilha Roc ou Ruhk é, na verdade, um ovo do pássaro Roc.

Dentro do ovo vivem filhotes da ave, disputados por caçadores que quebram a casca para retirar os passarinhos. Quem consome a carne dos pequenos Roc recupera a juventude, começando pela coloração dos cabelos. Já o romance medieval O filósofo autodidata, lançado por Ibn Tufail no século XII, trata de um personagem isolado numa ilha deserta, o que poderia ter inspirado Daniel Dafoe a compor, em 1719, o mais famoso náufrago da literatura, Robinson Crusoé.

Essas histórias são contadas por Alberto Manchel e Gianni Guadalupi no "Dicionário de lugares imaginários", que tem cerca de dois mil verbetes, aumentando a cada nova edição – a primeira foi em 1981. Centenas dos locais são ilhas, estando entre as mais famosas o a do Tesouro, criada por Robert Louis Stevenson, Lilliput, cenário de parte das "Viagens de Gulliver", de Jonathan Swift, a Terra do Nunca, onde vivem Peter Pan e os garotos perdidos, segundo James L. Barrie, a ilha da "Tempestade", de William Shakespere, e, naturalmente, a do Robinson Crusoé.



Em 'O ano em que falamos com o mar', Andrés Monteiro apresenta uma comunidade sem sinal de TV e internet onde a conversa é o principal entretenimento da população

Situar a trama em ilhas inexistentes ainda é prática na literatura. "Mistério no Caribe", de Agatha Christie se passa na fictícia ilha de St. Honoré. Guillaume Musso desenvolveu a ação de "A vida secreta dos escritores" na Ilha Beaumont, que guarda semelhança com territórios franceses no Mediterrâneo.

É na costa chilena que fica a encantadora ilha onde dois gêmeos se reencontram depois de 50 anos afastados. No delicioso "O ano em que falamos com o mar" (Pinard, R$ 69,90), de Andrés Montero, a pandemia obriga a permanência do jornalista Jeremias em sua terra natal, a ilha esquecida pelo mundo exterior. Ali, ele retoma os hábitos da comunidade que não depende de dinheiro para adquirir produtos; o escambo substitui o comércio regular. Sem sinal de televisão ou Internet, as conversas são o principal entretenimento da pequena população.

Narrado coletivamente pelos moradores, o romance lentamente apresenta uma forma de vida quase idílica em sua simplicidade e no acolhimento aos visitantes, entre eles um refugiado político. À parte da chamada civilização, a comunidade cresce com serenidade, aceitando o recolhimento de Julian, o irmão que jamais saiu da ilha e se torna um ermitão ao enviuvar. Nas conversas, as recordações montam a história dos gêmeos, oferecendo, no lugar da tecnologia e informação imediata, a morosidade de outras épocas, quando se dizia que a pressa era inimiga da perfeição.

NA ESTANTE

POR **OLGA DE MELLO**

MECANISMOS DE REPRESSÃO

Em "Mecanismos Invisíveis de Controle Social: Wilhelm Reich e a função política da repressão da sexualidade" (Via Verita, R$ 69,90), a psicóloga corporal reichiana Ana Clara Pequeno propõe uma investigação profunda sobre a intersecção entre a organização social, a repressão sexual, o patriarcado e o avanço do capitalismo neoliberal. A autora se debruça na construção social do psicanalista, que, perseguido por suas ideias contrárias ao controle dos corpos e afetos, morreu na prisão, depois de discutir o quanto a neurose e a conformidade são afetadas pela repressão social. Para Ana Clara, o controle social alimenta as bases do capitalismo neoliberal.

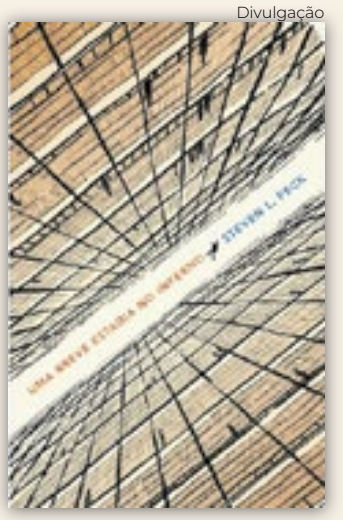
Divulgação



ETERNIDADE DE ANGÚSTIAS

A partir da ideia de Jorge Luis Borges em "A biblioteca de Babel", Stephen L. Peck criou uma eternidade de angústias no inferno: livros sem grandes textos, em estantes infinitas, com caracteres incompreensíveis que contam a história de cada um. Ao encontrar a sequência perfeita que represente sua vida, a pessoa poderá ascender ao paraíso. Em "Uma breve estadia no inferno" (Intrínseca, R$ 59,90), o sofrimento está na busca incansável e no encontro com gente que nem sempre entende como superar esse período de expectativas. O ambiente distópico leva a disputas com ritmo que encanta leitores da Geração Z, tanto que o romance foi um sucesso em redes sociais.

Divulgação



OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA

Aquela sensação de frio na barriga, coração acelerado, medo, curiosidade e a vontade de experimentar algo novo. Emoções comuns a quem vai não apenas a um parque de diversões como a pequena Lulu, que em "A vida é uma montanha-russa" (Conto com Você Editora, R$ 55) descobre sensações novas e como lidar com seus temores em diferentes situações. A impossibilidade de controle e todos os seus aspectos são apresentados para o público infantil pela jornalista Fernanda Côrtes em seu quinto livro, que tem ilustrações de Laiana Dias. A obra acompanha a petiz em sua primeira experiência em uma montanha-russa, e faz dessa aventura em uma metáfora para os altos e baixos das nossas vidas.

Divulgação





GASTRONOMIA **NATASHA SOBRINHO**
(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Japão na palma da mão

Onigiris e temakis conquistam espaço como opções práticas e saborosas da culinária japonesa

Práticos, rápidos e cheios de sabor, os onigiris e temakis são a tradução da comida japonesa para uma rotina cada vez mais dinâmica. Enquanto os tradicionais bolinhos de arroz recheados e envoltos em alga ganham espaço em lojas especializadas, os temakis, cones de alga recheados com arroz e ingredientes variados, já são presença garantida nos cardápios de muitos restaurantes japoneses. Uma tendência que combina conveniência, frescor e a experiência de saborear a culinária oriental com as mãos. Confira a seguir algumas opções que o Correio da Manhã preparou para você:

Divulgação



KITCHIN

Nubra Fasari/Divulgação



MIZU IZAKAYA

Divulgação



2V CONVENIÊNCIA

Divulgação



KATA SUSHI

Heleen Martins/Divulgação



NAGA

Tomás Rangel/Divulgação



PABU IZAKAYA

KATA SUSHI – O moderno japonês comandado pelo chef Marcos Espinosa, no Humaitá, destaca em seu cardápio o oniguiri de salmão (R$ 19). Largo dos Leões, 111 - Humaitá. Contato: @katasushi.

KITCHIN - No restaurante japonês de alta gastronomia, no Shopping Leblon, a novidade é o Trio Mini Temaki Crunchy (R$ 55), que reúne três versões do temaki em tamanho mini, nos sabores atum, frutos do mar e salmão. Avenida Afrânio de Melo Franco, 290, 1º piso – Leblon.Tel: (21) 3190-7166

MIZU IZAKAYA - O cardápio da casa apresenta temakis servidos em dupla, com opções como spicy tuna e salmão, (R$ 48), além de enguia (R$ 78) e vieira (R$ 68). Entre os oniguiris, servidos por unidade, as opções incluem: porco (R$ 25), salmão (R$ 48) e spicy tuna (R$ 29). As preparações combinam ingredientes como atum, salmão, barriga de porco, maionese kewpie, tarê, cebolinha e alho torrado, com diferentes finalizações que valorizam cada receita. Rua Farani, 14 - Botafogo. WhatsApp: (21) 92042-2835.

NAGA - O cardápio do restaurante, na Barra da Tijuca, apresenta um capítulo com variadas versões de Temaki: salmão (R$ 35), salmão massago (R$ 40), barriga de salmão (R$ 40), salmão selvagem (R$ 49), camarão (R$ 50), polvo (R$ 74), ikura (R$ 110), atum (R$ 38), atum spicy (R$ 43), atum bluefin (R$ 105), uni (R$ 105), unagi (R$ 98), centolla (R$ 120), california (R$ 35), philadelphia (R$ 40) e battera (R$ 40). VillageMall - Av. das Américas, 3900 – 3º piso - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2698.

PABU IZAKAYA - O restaurante asiático oferece onigiris, bolinho de arroz de sushi recheado com: atum ou salmão (R$32); skin de salmão (R$29) ou cogumelos (R$29). Rua Humberto de Campos, 827, Loja G – Leblon. Tel: (21) 3738-0416.

2V CONVENIÊNCIA – A rede de conveniência especializadas em comidas rápidas tem várias opções de oniguiris como: frango teriaki, camarão, pasta de salmão, cogumelos e salmão Philadelphia (R$ 20,90 cada). Rua Visconde de Pirajá 251, loja B – Ipanema. Contato: @2vconveniencia.